

ANDRÉ NOARA

OS DOIS LADOS DO BOSQUE

WISEU

Editor

Thiago Regina

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Marcos Cortinovia Carvalho

Copidesque

Jade Coelho

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Noara, André

Os dois lados do bosque / André Noara – Maringá : Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-488-1

1. Ficção 2. Literatura brasileira

I. Noara, André II. Título.

82-3

CDD-869.1

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Ficção: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Os Dois Lados do Bosque

Todos os adultos já foram crianças, é uma lei natural da vida. Assim como todas as crianças têm sonhos. Algumas sonham com fadas, outras com duendes, outras sonham estar pisando na lua e viajando no espaço. Crianças sonham, e sonham muito. Porém, em uma pequena cidadezinha, havia um garoto que sonhava diferente. Os sonhos de Robert eram tão reais quanto sua própria realidade.

Robert não tinha pai nem mãe, mas sempre teve muito carinho e atenção. Com um ano de idade, foi adotado por Mercedes, uma senhora de quase sessenta anos. Mercedes sempre sonhou em ter um filho. Robert foi o filho que ela não teve. Com muito amor, carinho e literatura, Robert foi crescendo ao lado de Mercedes, passando a tratá-la como vovó Mercedes.

Desde os primeiros anos de idade, Robert sempre esteve cercado por livros, herança dos trabalhos de Mercedes, que fora professora em sua juventude. Aos doze anos de idade, Robert tinha as paredes de seu quarto forradas por livros: histórias em quadrinhos, aventura, ficção e diversos outros. Eram muitos livros mesmo. Em meio a tantas histórias, sobrava apenas espaço para sua cama, um cantinho para sua escrivaninha e um buraco vago na janela para respirar ar puro. Sempre instigado por Mercedes, Robert fazia da leitura seu maior lazer.

O clima na cidadezinha de Robert era muito frio, o inverno era rigoroso, as montanhas ficavam cobertas de neve e os quintais trocavam de cor. Não havia muito com o que brincar lá fora. Certo dia, como de costume, Robert subiu para seu quarto para escolher um livro e se deitar, para desfrutar de mais uma história. Porém, desta vez, iria ser um pouco diferente, ou melhor, incrivelmente diferente.

CAPÍTULO I

A Charada

Em meio a tantos livros, muitos deles ainda não lidos, Robert ficou curioso em relação a um. Com a capa toda desgastada e algumas figuras geométricas marcadas a base de mão e pincel, o livro com mais de mil páginas parecia conter algo de diferente. Robert folheou aquelas páginas de cor amarelada, envelhecidas pelo tempo, e percebeu que não possuía nenhuma história, o livro se encontrava praticamente em “branco”, não havia nenhuma escrita, a não ser uma única frase na primeira página dizendo: “Menos eu, qual é?”.

Robert ficou curioso, impressionado e, ao mesmo tempo, com medo. Qual seria o significado de um livro praticamente em branco? Por que havia aquela pergunta na primeira página? Qual o sentido dela? Em meio a tantos questionamentos, Robert escutou vovó Mercedes chamá-lo para o jantar.

Apesar de a comida da vovó estar deliciosa, Robert não parava de pensar no livro. Diante de tanto mistério, Robert resolveu perguntar para Mercedes de onde tinha vindo aquele livro:

— Vovó, eu gostaria de saber se você se lembra de onde veio um dos livros que estão no meu quarto.

— Qual deles, Robert? São tantos livros lá que não irei me recordar de todos.

— É um com a capa toda marcada por figuras geométricas feitas à mão e pincel.

Sem dúvida, Mercedes sabia exatamente de qual livro Robert estava falando. Robert olhou para Mercedes esperando uma res-

posta e percebeu que sua avó sabia de algum segredo relacionado ao livro. Depois de um momento Mercedes respondeu:

— Por que está curioso com a origem desse livro, Robert?

— Sei lá, vovó, me pareceu um pouco diferente dos outros.

— Diferente como?

— Bem, eu pensava que encontraria uma história dentro dele, não apenas páginas em branco.

— Você não encontrou nada escrito?

Robert ficou pensativo. Ele sabia que havia uma frase em forma de pergunta escrita na primeira página, mas ainda não sabia qual era o significado. Ele não sabia se falava ou tentava desvendar o mistério sozinho.

— Você não respondeu minha pergunta, Robert.

— Hummm, não, vovó, não havia nada escrito. Apenas algumas figuras geométricas na capa pintadas com pincel.

— Bem, sendo assim, vou lhe contar tudo o que eu sei.

Neste momento, os olhos de Robert brilharam como nunca, ele estava repleto de curiosidade e convicto de que desvendaria o mistério do livro. Porém, ele não fazia ideia do que iria ouvir.

— Eu já fui casada um dia, Robert. Em minha juventude, conheci um belo homem pelo qual me apaixonei profundamente. Foi o único e verdadeiro amor da minha vida, mas, infelizmente, durou pouco. Meu maior desejo era ter filhos e envelhecer ao lado dele. Seu nome era Stevan. Ele adorava escrever e ficar deitado no quintal, olhando para o céu e imaginando figuras geométricas. Com um pincel, ele desenhava as figuras imaginárias traçadas entre as estrelas, figuras estas, como as que estão traçadas na capa do livro que você encontrou. Sim, Robert, aquelas figuras foram desenhadas por ele há mais de quarenta anos.

— Nossa, vovó! Por que você nunca me contou? O que acon-

teceu com ele?

— Você ainda é uma criança Robert. Porém, hoje, já está mais crescido e entenderá melhor o que eu vou lhe contar.

— Entendo! Estou muito curioso, vovó, conta-me.

— Contarei, mas antes me sirva um café.

— É pra já!

— Bem, após nos casarmos, passamos meses de muita alegria juntos, estávamos nos programando para ter nosso primeiro bebê. Nossa vida era perfeita. Até...

— Até o que, vovó?

Com muita tristeza, sentindo seus olhos lacrimejarem, vovó Mercedes prosseguiu.

— Até que as coisas começaram a ficar diferentes.

— Diferentes como, vovó?

— Stevan começou a falar coisas estranhas, que não faziam muito sentido. Eu tentava compreendê-lo, mas não conseguia. Ele dizia que tudo o que ele mais queria era me proteger. Mas eu não entendia qual era o perigo. Ele se trancava em nosso quarto e ficava lá, por horas. Até que um dia...

— O que aconteceu, vovó?

— Ele foi embora!

— Embora como, vovó?

— Não sei, eu simplesmente não o encontrei mais. Levou apenas seu relógio de pulso que ficava sempre ao lado do abajur. Foi embora e me deixou sozinha. A partir de então, resolvi não me apaixonar por mais ninguém. Isso é tudo o que eu sei sobre o livro, Robert. Stevan era muito apegado àquele livro, mas nunca escreveu uma palavra. Certa vez, ele me perguntou se eu sabia a resposta da charada. Eu questionei qual era a charada. Ele

apontou com o dedo dizendo: está aqui! Eu olhei e não vi nada. Apenas uma página em branco. Neste momento, eu já havia percebido que ele não estava bem. Depois disso, as coisas foram piorando cada vez mais. Até ele ir embora. Até hoje, espero por ele, mas já faz tanto tempo que quase perdi a fé.

Neste momento, Robert “congelou”. Não sabia o que fazer ou pensar. Sem dúvida, a charada que Stevan viu era a mesma que Robert estava vendo. Observando o olhar de espanto em Robert, Mercedes perguntou:

— Está tudo bem, Robert?

Robert, com a voz trêmula, respondeu:

— Sim, vovó.

— Mas por que esta cara de espanto?

— Nada não, vovó. Só estou pensando no que você disse.

— Bem, Robert, não fique pensando nisso. Já faz muito tempo que aconteceu. Agora vamos! Já está passando das dez da noite e você precisa ir para a cama.

— Ok, vovó!

Obedecendo às ordens de Mercedes, Robert subiu para seu quarto rapidamente. Entrando no quarto, olhou para o livro que havia deixado em cima da cama. Com olhar assustado, Robert se aproximou. O livro estava fechado. Robert não sabia o que fazer. Ele queria guardá-lo, mas, ao mesmo tempo, queria abri-lo, para conferir se a charada iria aparecer novamente. Entregue à sua própria curiosidade, Robert abriu novamente o livro e, assim como antes, a charada estava lá: “Menos eu, qual é?”

Não bastando ver que a charada ainda estava ali, Robert queria mais. Robert queria respostas. Então começou a pensar falando baixinho:

— “Menos eu, qual é?”. O que você quer dizer com isso? “Me-

nos eu, qual é?”

Robert ficou por mais de uma hora tentando desvendar qual era o mistério da charada, até que teve uma ideia:

— Bem, se o livro está me dizendo que menos ele qual é, a resposta seria eu mesmo!

Robert, esperando alguma espécie de magia, resolveu falar a resposta que tinha encontrado para o livro:

— A resposta é: eu mesmo!

Nada aconteceu. Robert continuou a pensar:

— Bem, e se eu embaralhar as letras e formar outras palavras? “Pimba” com as mesmas letras da charada “Menos eu qual é?” eu posso formar: “Qual é seu nome?”

Com os olhos cheios de entusiasmo, Robert falou:

— Eu sei a resposta: “meu nome é Robert”.

Nada aconteceu novamente. Robert não entendia, se algo fosse acontecer já deveria ter acontecido, pois a resposta estava correta. Então pensou Robert:

— Por que não deu certo? Por que ele não me responde? Será que é porque ele não me ouviu? Exatooo!

Robert deu um salto da cama em direção a sua escrivaninha e, rapidamente, pegou uma caneta para escrever. Com as mãos trêmulas, ele escreveu no livro:

— Meu nome é Robert.